

CNI



COMPROMISSO PELA

Inovação



COMPROMISSO PELA Inovação

As inovações movem o mundo: são coisas novas e formas novas de fazer as mesmas coisas. Elas economizam materiais, energia, tempo, recursos; mobilizam a criatividade, a tecnologia e a ciência para atender melhor demandas antigas ou resolver novos problemas. Em geral, são pequenas melhorias. Mas, por vezes, são mudanças radicais, que alteram em definitivo nossa forma de viver. Elas são o principal motor da produtividade e estão no centro das políticas de competitividade de muitos países. Como dizem os dirigentes destes países: são decisivas para a liderança.

O Brasil tem também sua agenda de inovação. Ela é parte de uma ampla plataforma de competitividade e é essencial na mudança do perfil de nossa estrutura produtiva; uma agenda pautada pela necessidade de elevar a produtividade e assegurar uma forma sustentável de crescer, uma agenda voltada a agregar valor e fortalecer setores intensivos em tecnologia, crescer com melhoria da distribuição de renda e ampliação do consumo e crescer sem comprometer a qualidade de vida das gerações futuras.

Temos uma oportunidade ímpar de moldar nosso futuro. Em raras ocasiões pudemos conviver com um horizonte tão positivo, no médio e longo prazo. Podemos não apenas sonhar, mas trabalhar com a ideia de um ciclo virtuoso, com melhoria do perfil distributivo, ganhos reais de renda e taxas elevadas de crescimento. Isso deriva da combinação da demanda global por matérias-primas e alimentos, da disponibilidade de novas fronteiras de recursos naturais, do novo patamar do consumo doméstico e dos investimentos e gastos em infraestrutura. É uma dinâmica que nos dá graus de liberdade, diante de um contexto problemático da economia mundial.

É hora de pensarmos qual futuro queremos. Qual vai ser nossa inserção internacional? Qual será o perfil de nossa economia e do emprego que será criado para as novas gerações?

Dois anos atrás lançamos um manifesto; um manifesto pela inovação. Dizíamos, então, que a inovação era a base da construção do futuro. Firmamos um compromisso com a mudança e com o objetivo de vencer o desafio de uma inserção mais dinâmica do país na nova economia global – o desafio da inovação, de nossa capacidade de converter ideias em valor.

Reafirmamos aqui nosso compromisso; um compromisso com o futuro, um compromisso centrado na ideia de que cabe ao setor privado exercer um protagonismo inédito na agenda da inovação. A inovação, como dizíamos, é uma agenda empresarial, é uma exigência dos consumidores e uma imposição do mercado. Nosso protagonismo é o reconhecimento de que a inovação é nossa responsabilidade. Porque inovar é essencial para o sucesso de cada empresa.

Inovar é nossa agenda, mas é mais do que um compromisso com nós mesmos; é uma agenda da sociedade, é uma agenda que interessa a todos, aos trabalhadores, à academia e ao governo. É uma contingência da necessidade de acelerarmos o desenvolvimento tecnológico, de buscarmos uma posição competitiva no mundo, de gerarmos melhores empregos.

Nosso protagonismo significa mais responsabilidade, mas não significa exclusividade. Mais responsabilidade em nosso esforço próprio e, igualmente, maior responsabilidade em dialogar com a sociedade e com o governo. Significa apontar caminhos que nos permitam organizar melhor o que fazemos e aprimorar a relação entre universidades e empresas, entre o governo e o setor privado. Significa também contribuir para melhorarmos nossas políticas públicas. Mas,



“INOVAR É NOSSA
AGENDA, MAS É MAIS
DO QUE UM
COMPROMISSO COM
NÓS MESMOS. É UMA
AGENDA DA SOCIEDADE.
É UMA AGENDA QUE
INTERESSA A TODOS,
AOS TRABALHADORES,
À ACADEMIA E
AO GOVERNO.”

acima de tudo, a inovação é tema próprio das empresas. É nosso papel.

Dois anos atrás propusemos uma meta: dobrar o número de empresas que inovam em quatro anos. Sabíamos que era uma meta ambiciosa e mais do que difícil. Mas sabíamos e sabemos que é viável. Mais do que viável, é imprescindível. Por isso queremos reafirmar esse compromisso.

A dificuldade que temos pela frente não é falta de ambição ou de uma cultura inovadora. A inovação é, para as empresas, um fato econômico, não apenas um exercício de vontade. As empresas respondem aos sinais que recebem. Este é hoje nosso maior problema.

Temos, como afirmamos muitas vezes, uma agenda complexa de competitividade: custo de capital e tributos elevados; déficits de infraestrutura e logística, burocracia excessiva, falta de pessoal qualificado e perfis de formação educacional distorcidos. A isso somamos agora uma valorização cambial que dificulta várias atividades, o que amplia enormemente o conteúdo importado e que nos fecha mercados no exterior.

Não haverá solução mágica para nossa agenda de competitividade e nem para a apreciação da moeda. Mas, sob o risco de regredirmos, de abandonarmos atividades cujo aprendizado nos tomou décadas, é preciso sinalizar qual futuro almejamos. E devemos ambicionar mais: desenvolver atividades em que somos incipientes, mas que apontam para o futuro, não por querermos ser autossuficientes, mas por sabermos que uma estrutura produtiva integrada reforça nossa competitividade e contribui para moldar uma sociedade mais equilibrada e justa.

Se nosso horizonte de crescimento parece virtuoso, o mesmo não se pode dizer da trajetória de nosso sistema produtivo. Corremos riscos. Não vamos deixar de crescer, mas podemos crescer com uma especialização desnecessária e inconveniente para nossos interesses como sociedade.

Precisamos dar sinais, para nós mesmos e para o mundo, de que queremos uma economia diversificada e forte; um sistema produtivo integrado e inovador, com capacidade de desenvolver e incorporar novas tecnologias. Precisamos de sinais concretos de quais caminhos vamos seguir, tanto para os fatores sistêmicos, que afetam tão negativamente nossa competitividade, quanto para o câmbio e uma macroeconomia que estimulem nosso desenvolvimento.

Precisamos de um rumo que nos oriente nesta travessia que se avizinha. Precisamos entender que o mundo se move em grande velocidade: temos de dar um sentido de urgência às ações que devemos empreender; um rumo que indique claramente uma forte articulação entre a política de ciência e tecnologia, de um lado, e a política industrial e de inovação, de outro, que defina prioridades, setores e atividades em que o Brasil quer se posicionar como líder ou quer compartilhar esta liderança em termos globais. E sentido de urgência, por entender que essas oportunidades existem, mas não são perenes, dependem de nossa capacidade de aproveitá-las, de construir as bases que nos permitam explorá-las em benefício de nosso desenvolvimento.

Com um rumo definido e com a urgência necessária, nosso compromisso é mobilizar o setor privado para esta agenda da inovação. Com sinais corretos, com bons programas de governo, com ações capazes de despertar o espírito empreendedor privado, nosso compromisso é percorrer o país, mostrar alternativas, difundir as melhores práticas, estimular mais e mais empresas a inovar, a desenvolver tecnologias, a se engajarem ativamente nesta aventura.

O protagonismo que queremos é de também poder contribuir para aprimorar o que já fazemos. Para isso, propusemos uma agenda de dez pontos, uma agenda que deriva de nossa experiência concreta. É igualmente nossa responsabilidade indicar esses caminhos, nos valer de nossa prática e dialogar com o governo para criar um ambiente bem mais propício à inovação nas empresas. E é com satisfação que vemos entusiasmo e enorme boa vontade do governo neste diálogo. Nossa proposta indica:

- sermos mais ativos na atração de centros de P&D de empresas estrangeiras, articulando e coordenando melhor as ações públicas e privadas;
- apoiar a internacionalização das empresas brasileiras e de suas atividades de P&D, para capacitá-las a competir globalmente;
- melhorar a infraestrutura e a cultura de propriedade intelectual no país, com base num regime pragmático de Propriedade Intelectual, compatível com nossos interesses atuais;
- dar maior ênfase na formação de recursos humanos qualificados em engenharia, “ciências-duras” e ensino técnico;
- aprimorar o marco legal de apoio à inovação, com ajustes que tornem mais efetivos os regimes de incentivos existentes;
- apoiar projetos estruturantes de P&D em grande escala, convocando grandes empresas a mobilizar suas cadeias produtivas;
- apoiar projetos de P&D pré-competitivo, por meio de arranjos jurídico-institucionais adequados;
- apoiar a inovação, as atividades de P&D e a difusão de tecnologia para PMEs, visando reduzir os diferenciais de produtividade hoje existentes no setor privado;
- melhorar a articulação entre a política de inovação e a política de comércio exterior;
- criar programas setoriais de inovação efetivos, que definam metas e objetivos pactuados entre o governo e o setor privado.

Como afirmamos dois anos atrás, o Brasil está maduro para seguir adiante nessa agenda de convergência entre governo, empresas e sociedade. Dizíamos e reafirmamos: “o cenário é desafiador, mas o jogo é esse. E esse é o campo em que poderemos prevalecer se tivermos a coragem de ousar”.

CNI



CNI

Confederação Nacional da Indústria